

V NOVEMBRO NEGRO  
VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
DE DIREITOS HUMANOS  
| FÓRUM DE LETRAMENTO RACIAL | 2025

## O FEMININO: ENTRE PRAZER, CYBORG E TRANSPARÊNCIA DO MAL

María Fernanda Zarate Rivera<sup>1</sup>

Pensar o feminino implica habitar a impossibilidade. Como lembra Lacan, o impossível não é o que nunca acontece, mas aquilo que insiste em não se realizar. Essa insistência atravessa a experiência do sujeito contemporâneo: um corpo pulsional que deseja descarga e um aparato simbólico saturado, incapaz de dar sentido ao excesso. O feminino pode ser lido nesse intervalo — não como essência, mas como fenda, suplemento, hiância.

Freud, ao ir além do princípio do prazer, mostra que não é o prazer que governa a psique, mas a compulsão de repetição, retorno de um real traumático que escapa à simbolização. É nessa brecha que se inscreve o feminino: como insistência que não se fecha, como excesso que não se pacifica em Eros ou Tânatos, como força que desestabiliza a economia de sentido.

Com Stiegler, a técnica não é simples extensão do corpo, mas sua própria condição de possibilidade. O sujeito não nasce orgânico: é constituído prosteticamente, sempre em atraso consigo mesmo. Aqui, o feminino se pensa como atraso e adiamento — temporalidade diferida que rompe com a ideia de origem pura.

Haraway radicaliza: o cyborg não busca a unidade perdida. Ele recusa reconciliação e pureza, encarna a contradição como potência. O feminino cyborg é montagem, bastardia, transversalidade: proliferar alianças parciais e recusar o mito da complementaridade. A sua ética é a da sedução como estratégia vital, não para dominar o Outro, mas para abrir fissuras ao eu e suas repetições estéreis.

<sup>1</sup> Estudante de graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Pesquisadora independente, desenvolve investigações nas interseções entre corpo, técnica e linguagem, com ênfase em abordagens decoloniais e críticas da inteligência artificial. Participa de formações extracurriculares no Instituto 17 de Estudios Críticos (Cidade do México), com foco em Teoria Crítica e Inteligência Artificial. E-mail: ferzarateviolin@gmail.com.

# V NOVEMBRO NEGRO VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS

I FÓRUM DE LETRAMENTO RACIAL | 2025



Baudrillard, por sua vez, mostra o colapso da dialética: tudo se torna transparente, viral, reciclado. O feminino, nesse cenário, não se restitui como alteridade originária, mas se afirma como opacidade e sedução — não para possuir, mas para delinear e desaparecer, para resistir à captura totalizante do sentido. A sedução feminina, nesse registro, é sombra e rastro: potência de desvio diante do simulacro.

Habitar o feminino, então, não é buscar complementaridade, mas afirmar sua impossibilidade. Trata-se de viver sem garantia, sem totalidade, aceitando que a falta não é falha, mas condição da invenção. O feminino não é substância nem identidade, mas movimento: insistência que interrompe, diferença que recusa fechamento, liberdade radical que se inventa no intervalo entre corpo, técnica e linguagem.

**Palavras-chave:** feminino; psicanálise; técnica; cyborg; simulacro.

## Referências

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Campinas-SP: Papyrus, 1991.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HARAWAY, Donna. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

STIEGLER, Bernard. *Técnica e tempo, 1: a falha de Epimeteu*. Trad. Luís Antonio Umbelino. Lisboa: Relógio D'Água, 2001.